

Diário de um gato assassino

Anne Fine

Tradução Maria da Anunciação Rodrigues

Ilustrações Sofia Balzola

Temas Julgamento pelas aparências / Respeito à diferença /
Família / Animais domésticos



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR

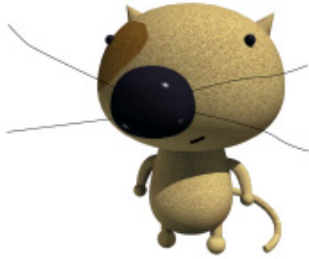


2ª edição
Série Azul
64 páginas

O LIVRO Sarcástico e irônico. Assim é Veludo, o gato da menina Carol. Em seu diário, ele conta, de um modo extremamente particular, os terríveis problemas que vem enfrentando em seu dia-a-dia. Tudo porque os seus donos não gostam de vê-lo levando para casa passarinhos e ratos mortos. A situação de Veludo fica ainda mais complicada no dia em que ele aparece com o corpo de um coelho, e os pais de Carol descobrem que se trata do Bongô, o bichinho de estimação dos vizinhos.

A AUTORA Anne Fine nasceu em Leicester, na Inglaterra, em 1947. Com mais de 40 títulos publicados para crianças e adultos, recebeu inúmeros prêmios por sua obra. Vários de seus livros foram traduzidos para outros idiomas; alguns adaptados para o rádio e cinema. Foi o caso de *Uma babá quase perfeita*, filme norte-americano de 1993, estrelado por Robin Williams.

A ILUSTRADORA Sofia Balzola nasceu em Bilbao, na Espanha, em 1965. Estudou Belas-Artes e desenvolve um trabalho intenso como ilustradora, em muitas editoras, jornais e revistas de seu país.



GATOS NOS DESENHOS ANIMADOS E HQS

Nas histórias dos estúdios de Walt Disney, Madame Min tem um gato preto que é cúmplice de todas as suas maldades. Os gatos da turma do Manda-Chuva são boêmios e aprontam confusão pelos becos, onde são perseguidos por um guarda que procura manter a ordem a todo custo, dismantelando suas orquestras noturnas pelos telhados das casas. Garfield é preguiçoso, sedentário, eticamente questionável.

GATOS SÃO AMIGOS DA LITERATURA

Não é à toa que o gato, *Felis catus*, tem sete vidas. O personagem é lendário e contemporâneo ao mesmo tempo. Na Idade Média, foi condenado às fogueiras junto às donas feiticeiras por ser símbolo do azar e representante do demônio. Por isso todas as bruxas das histórias herdaram gatos pretos nos castelos e fazem suas magias com a presença deles em noites de lua cheia?

Há muitos outros significados para os gatos, retratados por poetas e prosadores, em histórias para crianças e nos desenhos animados, como o gato Félix, que sai de um tinteiro, o Garfield, o Frajola e o Tom.

INTERPRETANDO O TEXTO

TUDO DEPENDE DE QUEM VÊ...

Nada mais comum que um diário, não é? Nem sempre... Existem diários famosos, escritos por personalidades célebres, e existem diários curiosos, por registrarem uma vida inventada como se ela fosse verdadeira. Mas, aqui, há uma dupla surpresa: por um lado, tem-se de entrar no jogo da invenção e aceitar, como natural, que um gato muito peculiar registre as aventuras que viveu durante uma semana; por outro, ao tomar parte desse jogo inventivo, não há como não se surpreender, pois, vistos os fatos pela ótica de Veludo, felino espertíssimo, o leitor é convidado a sorrir e a perceber a relatividade do ponto de vista dos... humanos!

Num diário cheio de acontecimentos saborosos, Veludo conta, em seis dias úteis de uma semana bastante especial, os acontecimentos mais significativos e suas impressões sobre o mundo e o ponto de vista esquisito dos homens.

Como logo se depreende desde a leitura das primeiras páginas, neste diário o que domina é o bom humor. Ao entrar no jogo de quem escreve, também se entra na ótica de mundo do gato-escriptor. Um gato, afinal, é um gato: por que seus donos se assustam tanto quando ele mata um passarinho? A inversão da perspectiva, assim, não apenas traz para dentro do diário a lógica do bichano, como também convida a perceber que existem várias lógicas, vários pontos de vista. A contribuição de Veludo é exatamente esta: mostrar que existem outras formas de compreender as coisas (não só a dos humanos) e que, ao abraçar uma determinada opinião sobre os fatos, muitas vezes ou se incorre em erros ou acaba-se tendo uma visão parcial sobre os mesmos.

A autora utiliza uma linguagem coloquial e divertida, que não abre mão de algumas colocações bem engraçadas: “Tenham dó, eu sou um gato” (p. 9). Tal recurso, longe de provocar qualquer sentimento de piedade no leitor para com os pobres bichinhos caçados, explicita logo no primeiro parágrafo que, no universo da narrativa, gatos são gatos e têm suas próprias escolhas e hábitos, bem diversos dos de seres humanos.

Nos seis dias em que Veludo registra sua vidinha, o primeiro evento decisivo é quando ele mata um passarinho. Sua dona, a menina Carol, chora e lhe implora que não faça mais isso. Os pais de Carol querem puni-lo, enforcá-lo até, e obrigá-lo a não

GATOS EM LENDAS

Em algumas lendas, os gatos são mensageiros dos magos. No Egito, o bichano era mumificado junto com seu dono. Lendas contam que o gato venceu a serpente da escuridão no corpo de Rá. Era adorado pelos faraós porque trazia sorte. Bastet é um leão com cabeça de gato. Essa divindade era a mãe dos reis e se enfeitava com uma serpente. Ensinava os homens sobre o amor e ouvia as queixas dos apaixonados. Podia transformar-se numa gata selvagem, como a orixá africana da etnia iorubá, Iansã.

A simbologia sobre o felino é ampla. Nos contos populares, o gato tomava a forma de princesa. O francês Charles Perrault transformou o Gato de Botas no felino mais famoso dos contos de fadas.

Sugestão de filmes:

Babe, o porquinho atropalhado [Babe]. Direção: George Miller. Austrália/ EUA, 1997.

A incrível jornada [The incredible journey]. Direção: Fletcher Markle. EUA, 1963.

Vida de inseto [A bug's life]. Direção: John Lasseter. EUA, 1999.

Sugestão de bibliografia:

BUARQUE, Chico. *Os saltimbancos*. Coleção Teatro Jovem. São Paulo, Global, 1999.

cometer mais atos tão cruéis. Veludo até que topa, embora não veja nenhuma crueldade no ato de um gato matar um passarinho, principalmente pelo fato de que um desses “pasteizinhos pipilantes” quase se jogara em sua boca (p. 9)! Mas aceitar que não possa remexer o jardim... é demais! Se sob a ótica dos donos, o jardim é para ficar arrumadinho; para Veludo, o gostoso é refestelar-se na terra, remexer canteiros... E, de novo, vêm as broncas dessas pessoas esquisitas... Então, tá! É proibido caçar passarinhos? Que tal um ratinho? Novos problemas...

Mas quando Veludo aparece em casa com Bongô, o coelho de estimação dos vizinhos, *mortinho da silva*, a família tem de se virar para dar um jeito de maquiagem a situação. Um plano é armado, Veludo diverte-se a valer e registra, numa das páginas de seu diário, como Bela, Tigre e Xodó, seus amigos, também acham engraçadas as dificuldades enfrentadas pelo pai de Carol para fazer algo tão simples como... atravessar uma cerca viva à noite sem sua lanterna. Vejam só como os humanos são mesmo incapazes de atos tão banais para os gatos como esse!

Quando, porém, anunciam que vão levá-lo ao veterinário, Veludo fica achando que dessa vez a punição será mais grave do que as costumeiras broncas ou sermões de seus donos, ou do prego na sua portinhola para impedi-lo de sair à noite. Só depois de entender que se trata apenas de uma simples vacina é que ele se acalma. Ou quase, pois, apronta várias encrencas na sala de espera; depois, ao ver a injeção, salve-se quem puder! Na volta do veterinário, a grande surpresa: ao se encontrarem com a vizinha, ficam sabendo a verdadeira história da morte de Bongô.

Nessas aventuras de Veludo, tudo é usual e cotidiano. Porém, como o narrador-personagem é o próprio gato, o resultado é um delicioso diário em que o estranhamento da perspectiva traz humor e a relativização do que normalmente se julga indiscutível e inquestionável. O que se aprende neste *Diário de um gato assassino* é que o modo de ver, entender e julgar os fatos pode não ser um único possível. A relativização dos comportamentos e dos valores não significa, porém, que *vale tudo*. Mas, sim, que a realidade precisa ser observada de vários ângulos. É desse modo que Anne Fine permite discutir um tema tão complexo como a ética, sem que isso seja feito com a falsa seriedade dos conteúdos abstratos. É do riso que nascem novos conhecimentos e novas práticas, como já sabiam os antigos romanos: *Ridendo, castigat mores* (Rindo, corrigem-se os costumes).



Mergulhando na temática

FOCO NARRATIVO

É o modo como o autor escolhe contar uma história. Há muitas maneiras, e os autores sempre inventam outras, de acordo com épocas e estilos. Geralmente o foco narrativo é resumido da seguinte forma: narradores em primeira e em terceira pessoas. Os narradores em primeira pessoa geralmente são protagonistas de suas histórias, como o gato assassino; raramente contam histórias de que não participam. Narradores em terceira pessoa, quando revelam saber tudo sobre as personagens, são chamados de narradores oniscientes e, quando não sabem ou fingem não saber o que pensam seus personagens, são chamados de narradores observadores. É importante sempre lembrar que o narrador, qualquer que seja, não se confunde com o autor da obra.

ESTRANHAMENTO

Um importante teórico da literatura, Chloviski, afirmou que toda arte literária se constitui pelo procedimento do estranhamento. Um objeto, uma situação, um modo de ver comum, se submetidos a um olhar pouco habitual, revelam-se sob novos ângulos, ou se desvelam. De modo geral, o hábito de ver as coisas de uma determinada maneira faz com que se esqueça que as coisas podem ser vistas por outros ângulos.

Bibliografia sobre o estranhamento

CHLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In TOLEDO, Dionísio (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre, Globo, 1973, pp. 39-56.

UM MODO DE DESVENDAR

A literatura sempre ensina. Não apenas a conhecer melhor o mundo, mas também a buscar a maneira mais adequada e mais prazerosa de expressar as descobertas. Por isso, na literatura os meios de expressão constroem as significações, de modo que não se pode nunca dizer a mesma coisa empregando-se técnicas diversas. Em *Diário de um gato assassino*, dois procedimentos chamam a atenção: o **foco narrativo** e a caracterização de Veludo.

Quanto ao foco narrativo, trata-se de um texto em primeira pessoa, como costuma mesmo acontecer em qualquer diário. A questão é que o escritor é um gato, o que traz uma perspectiva não usual. Com essa relativização, tudo o que Veludo observa se dá por um ângulo diferenciado do comum. Pode-se dizer, assim, que é desse **estranhamento** que nasce o prazer especial deste texto.

É assim que *Diário de um gato assassino* vale-se do estranhamento do “escritor” — do gato-narrador — para nos trazer, com humor, um mundo novo. Isto é: trata-se de nosso velho mundo, comum e habitual, posto de cabeça para baixo ao ser olhado pelo ângulo do felino.

Além disso, trata-se de um felino especial. Muito esperto e seguro de si — como, aliás, estes costumam ser em outras histórias. Veludo não abdica de ser quem é — um gato — mesmo que faça algumas pequenas concessões a quem dele cuida. E um gato mata passarinhos, caça ratos, odeia veterinários e também pode se achar muito mais esperto que os humanos. Seja porque tem de tentar explicar a seus donos que alguns comportamentos fazem parte de sua natureza, seja porque pode se divertir com as interpretações (incorretas) dos humanos e brincar com sua linguagem.

A linguagem de zombaria de Veludo se constrói num jogo de tomar ao pé da letra certas expressões linguísticas e contrapô-las à sua. Assim, quando o pai de Carol o ameaça com um “Ai de você!”, o gato retruca: “Que expressão idiota! O que afinal isso quer dizer?”. Mas Veludo sabe e sem pestanejar conclui: “Ai dele” (p. 36).

E o felino tão esperto, ao ver toda a família se mobilizar para tentar esconder o que consideraram um assassinato, um *coelhicídio*, sabe que eles estão enganados. Para se justificar por nada fazer para impedir o equívoco, apela para suas características... de gato: “Mas o que eu poderia dizer? O que poderia fazer para impedi-los? Para explicar?” (p. 28). E desse modo não apenas se diverte a valer quando a vizinha conta à família a coisa incrível que aconteceu — Bongô morreu, foi sepultado e reapareceu lim-

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

pinho e morto em sua antiga casa —, como também pode saborear o desconcerto dos adultos e os carinhos de Carol, que agora o chama de herói, pois compreendeu suas verdadeiras intenções. De quebra, ainda ganhou de volta sua liberdade, pois retiraram o prego de sua portinhola, que dificultava suas saídas.



CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Pode-se sugerir aos alunos que criem hipóteses a partir do título. Será que se trata de um conto de fadas, já que um gato escreve um diário? Quem será que ele assassinou? As suposições dos alunos podem ficar registradas num mural e, ao se encerrarem as atividades da leitura, as melhores sugestões (do ponto de vista de uma votação que a classe realize) se tornariam objeto de elaboração de um roteiro de encenação.

Ainda antes da leitura, a manipulação do livro pode ser trabalhada para que os alunos comentem suas impressões sobre a ilustração. Trata-se aqui de uma montagem digital: bonecos em 3D são sobrepostos a cenários ilustrados. O efeito é uma imagem tridimensional que não se confunde com a realidade. Como o texto brinca com o efeito contrário (um gato escreve, e isso é tratado como normal), pode-se pedir que os alunos lembrem de desenhos de tevê ou de filmes em que alguma técnica semelhante é empregada.

DURANTE A LEITURA

Pode-se sugerir que seja feito um registro do andamento da leitura em um diário, dia após dia, onde sejam registrados e discutidos os efeitos do estranhamento e da linguagem irônica de Veludo. Paralelamente, a cada capítulo lido, cada aluno inventaria um dia no diário a partir de outro ponto de vista. Por exemplo, como seria o diário de uma agulha? Como seria o diário de um estojo? Como seria o diário de uma escova de dentes? Cada um guardaria sigilo

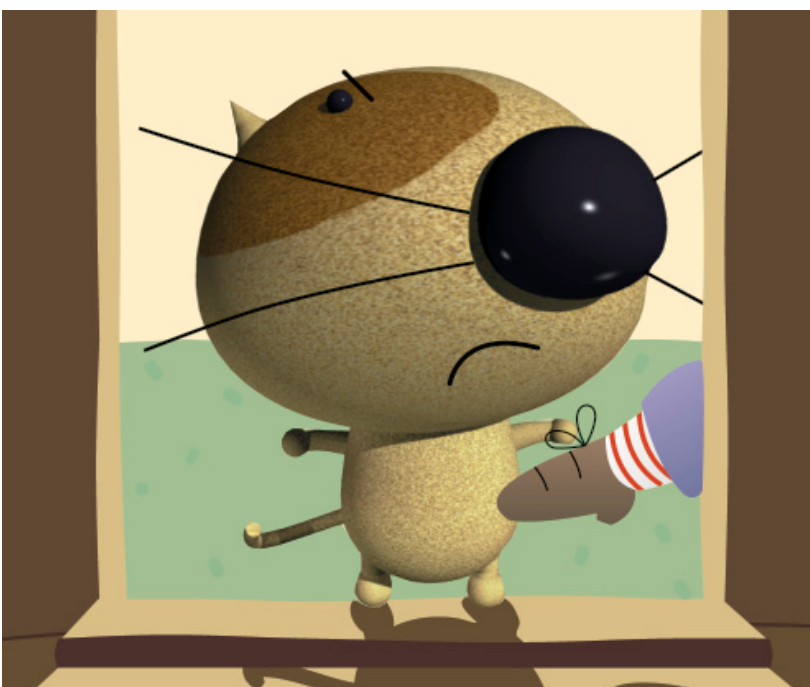
total e iria escrevendo a “Semana de um/uma...”, para ser lida somente após a finalização da leitura e da discussão de *Diário de um gato assassino*.

DEPOIS DA LEITURA

Pode-se propor uma discussão em classe sobre os principais significados do livro: o que é possível depreender dessa história? O que cada um achou de Veludo? E dos donos de Veludo? Qual o papel da ironia, do humor, do riso? Todos riram do jeito de Veludo? Existe um único ponto de vista certo, válido? Será que os fatos, quando vistos de ângulos diferentes, são excludentes? Será que Veludo pode ser considerado um assassino de pássaros?

Depois do debate inicial, pode-se propor um debate sobre histórias esquisitas, para o qual cada um contribua (depois de pesquisar, conversando com os pais e parentes, em livros, ou ainda inventando) com algum caso que, visto de certo ângulo, parece uma coisa, mas, se visto de outro, pode ser bem diferente.

Aproveitando a figura mítica do gato, pode ser sugerida uma pesquisa por escrito sobre histórias de gatos, para que, no final, todos possam lê-las. Será que os gatos têm sempre as mesmas características? Quais são elas? Convém chamar a atenção dos alunos sobre a característica comum entre Veludo e outros gatos famosos: sua independência e indiferença pelos sentimentos humanos. Ou será autonomia?



ELABORAÇÃO DO GUIA IVONE DARÉ
RABELLO; REVISÃO PEDAGÓGICA E
PREPARAÇÃO MIRÓ EDITORIAL.